



Centro de Análise da
SOCIEDADE BRASILEIRA

Relatório Executivo

Grupo de Trabalho
Temático 4

EMPRESARIADO

O CASB

O Centro de Análise da Sociedade Brasileira (CASB) é uma iniciativa das fundações Perseu Abramo (PT), Lauro Campos e Marielle Franco (PSOL), Maurício Grabois (PCdoB) e Rosa Luxemburgo (vinculada ao partido alemão Die Linke – A Esquerda).

Tem como objetivo aprofundar o entendimento sobre as mudanças na sociedade brasileira e produzir diagnósticos – auxiliando os partidos e o governo na tarefa de democratização da sociedade e das instituições; e na organização do campo democrático popular.

Para isso, organizou seu trabalho no sentido de ampliar sua escuta em direção a especialistas e pesquisadores (da academia, de movimentos sociais e fundações partidárias); e também produzir pesquisas próprias pelo Núcleo de Opinião Pública, Pesquisas e Estudos da FPA (NOPPE).

As atividades e publicações do CASB expressam o projeto conjunto das Fundações parceiras. Elas comportam opiniões plurais, de integrantes e convidados, que não são necessariamente posição institucional das Fundações participantes do CASB.



ESTE RELATÓRIO FOI PRODUZIDO A PARTIR DOS DADOS APRESENTADOS PELAS/OS CONVIDADAS/OS.

Data: 12 de Dezembro de 2023

Ementa do GT:

O **GT Empresariado** buscou discutir a relação do empresariado brasileiro – em seus diversos portes e setores – e a extrema direita no último período. O relatório busca explicar qual a trajetória do setor na Nova República (num ensaio de aproximação com o PT, seguida de um rompimento, articulação de golpe e depois apoio a Bolsonaro). Também irá abordar sua capilaridade e como está organizando a disputa de valores na sociedade.

Expositoras/es:

Davi Emerich – Assessor parlamentar, gabinete da Senadora Eliziane Gama (PSD-MA), relatora da CPMI dos atos antidemocráticos;

Isabela Kalil – Antropóloga, professora da FESPSP e conselheira do CASB;

Sávio Cavalcante – Sociólogo, professor da Unicamp.

Debatedores

Ana Penido – pesquisadora do Observatório da Defesa e Soberania Nacional do Instituto Tricontinental;

Hugo Fanton – Cientista Político, Cenedic/DCP-USP, UNI-Freiburg e ABI-Alemanha;

Juliane Furno – Economista, professora da UERJ.

PERGUNTAS NORTEADORAS DO RELATÓRIO:

1 - O QUE EXPLICA A MUDANÇA DE POSICIONAMENTO DO EMPRESARIADO BRASILEIRO ENTRE 2011 E 2016? O QUE EXPLICA QUE, EM AGOSTO DE 2011, A FIESP (FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DE SÃO PAULO) JUNTO COM DIVERSOS SETORES DA CONSTRUÇÃO CIVIL, INDÚSTRIA DE AUTOPEÇAS, TÊXTEIS ESTIVESSEM NUMA CERIMÔNIA DE APOIO AO GOVERNO NO LANÇAMENTO DO PLANO BRASIL MAIOR, ALÉM DA CUT (CENTRAL ÚNICA DOS TRABALHADORES), E, CINCO ANOS DEPOIS, FOSSEM UM DOS PRINCIPAIS ARTICULADORES DO GOLPE CONTRA DILMA? E SETE ANOS DEPOIS OS PRINCIPAIS APOIADORES DE BOLSONARO CONTRA FERNANDO HADDAD?

2 - QUAL A BASE DE CLASSE DA EXTREMA DIREITA? QUAL A RELAÇÃO DA ESTRUTURA, IDENTIDADE DE CLASSE E O FENÔMENO DA EXTREMA DIREITA?

1. A BURGUESIA NACIONAL TEM CARACTERÍSTICAS PRÓPRIAS QUE A TORNA DIFERENTE DAQUELAS DOS PAÍSES DO CENTRO DO CAPITALISMO. A CRISE DE 2008 A AFETOU PROFUNDAMENTE E IMPÔS A BUSCA POR UMA NOVA FORMA DE ORGANIZAÇÃO.

“Impossível entender a adesão do capital à extrema direita sem voltar para a crise de 2008” (Juliane Furno)

A burguesia nacional é marcada por sua formação tardia e, historicamente, bastante dependente do Estado. Além disso, produz pouca conversão em capital constante. Ou seja: ao contrário da burguesia europeia e estadunidense, por exemplo, ela investe pouco na compra de meios de produção ou mesmo em ciência e tecnologia, para melhorar a produtividade. Com dificuldade de produzir este tipo de inovação, ela tende a depender quase que unicamente do aumento da exploração da força de trabalho para aumentar sua taxa de lucro.

Após a crise global do capitalismo de 2008 (que também a afetou), a indústria brasileira vai buscar voltar a seus padrões de lucro lançando mão deste seu ativo principal (a superexploração da força de trabalho), mas encontra alguns entraves:

i) Política de Valorização do Salário Mínimo: na construção civil, por exemplo, a participação do trabalho foi de 25% do Valor Adicionado Bruto (VAB) em 2006, para 44% em 2013/2014. No setor de autopeças, a remuneração dos trabalhadores chegou a 70% do VAB - o

que significa que a mão de obra ficou significativamente mais cara para os empresários;

ii) Queda do desemprego: chegou a 4% em 2015 - o que, na lei da oferta e procura, também valoriza o valor da mão de obra;

iii) Reorganização do Movimento Sindical com maior poder de barganha na negociação com patrões: pressionou empresas a garantir aumento real dos salários para seus trabalhadores.

A elevação do custo unitário médio da Força de Trabalho convive ainda com a concorrência da indústria chinesa (que volta seu olhar ao mercado da América do Sul).

As medidas do então governo Dilma direcionadas ao setor como Plano Brasil Maior de 2011, a Desoneração Tributária, e a Redução de IPI se mostraram insuficientes para reerguer as taxas de lucros do empresariado.

Assim, **se acirrou o conflito distributivo que o projeto conciliatório do lulismo buscou implementar até então.**

2. NO CAMPO DA DISPUTA HEGEMÔNICA, A OPOSIÇÃO AOS ENTÃO GOVERNOS PETISTAS BUSCA NOVOS CAMINHOS PARA FAZER A DISPUTA DO VOTO E REDEFINE SUA IDENTIDADE.

Sávio Cavalcanti retoma o artigo publicado pela Fundação Getúlio Vargas (FGV) em 2011 pelo sociólogo e ex-presidente Fernando Henrique Cardoso, intitulado 'Papel da Oposição'*. Ali, há uma ideia de que "O PT ganhou o povo" (nos termos do próprio autor). Ou seja, seria difícil para a oposição vencer eleitoralmente na camada mais pobre da sociedade.

Assim, a direita de então precisava de novas estratégias para fazer maioria. Repensou seu discurso, por um lado; e sua base social, por outro.

Por óbvio que a centro-direita de FHC/PSDB guarda divergências fundamentais da extrema direita que veio a se organizar no período posterior. Vale retomar, no entanto, os caminhos da oposição ao PT para sua reorganização no Brasil.

Do ponto de vista do discurso, entendeu-se que era necessário se diferenciar do ideário de igualdade da esquerda. E por quê? Se na Europa, a direita foi - ao longo da segunda metade do século XX - pressionada a fazer concessões programáticas e incorporar orientações igualitárias da esquerda produzindo o Estado de Bem

Estar Social, também no Brasil lhe foi imposto - muito a partir da Constituição de 1988 - a necessidade de produzir políticas com viés de garantia de direitos universalizantes e redutora de desigualdades. Assim, até os anos 2010, o binômio esquerda da igualdade versus direita da liberdade era turvo. A direita liberal contra igualdade em sua versão mais radical estava mais marginalizada e envergonhada.

A partir dos anos 2010, portanto, a direita liberal clássica se reposiciona: retoma a liberdade como um valor moral principal - abdicando da tentativa de conciliação com a igualdade.

E, do ponto de vista da base social, a direita busca se conectar a uma base social própria. No texto, FHC reverbera o caminho de dialogar e conquistar o que ele chama de "setores da classe média" - classe média tradicional, autônomos e "aquilo que vem sendo chamado de Classe C ou nova Classe Média". E esta, mais tarde, passaria a ser a portadora social pertinente à nova direita ecoando um discurso de autonomia contra o Estado (que estaria limitando a liberdade de atuação no mercado).

*<https://www.cps.fgv.br/cps/bd/clippings/na0015.pdf>.

3. ESTE VIÉS ENCONTRA TERRENO FÉRTIL NUMA BASE SOCIAL QUE PASSOU A SE ENXERGAR COMO 'PEQUENA PROPRIETÁRIA' E/OU 'EMPREENDEDORA'.

"O investimento econômico direto (garantir ônibus, etc) não é suficiente para ter movimento de massa. É necessário um conjunto social mobilizado imbuído de um sentimento de missão histórica....E, para isso, precisa modificar sentimento de classe construídas ao longo do século XX". (Sávio Cavalcanti)

O conceito sociológico de classe média incorpora um segmento da sociedade que vive do trabalho, mas não necessariamente vende sua mão de obra ao capitalista. Normalmente, são os autônomos (médicos, advogados) ou os funcionários públicos. Tendem a ter um nível de formação mais alto e, também por isso, nível de renda mais elevado que a média da classe trabalhadora.

No entanto, em determinado momento (pós anos 1990), se inicia um processo de alargamento desta identidade de classe, abrindo espaço para uma nova subjetividade neoliberal: pequenos proprietários, trabalhadores autônomos precarizados passam também a se considerar "classe média". Incorporaram valores liberais e do empreende-

dorismo. O que num momento anterior parecia um dissenso, ganha contornos reais e as periferias passam a ser espaços de uma massa que se crê classe média e reverbera o discurso liberal da direita, atuando politicamente apenas em nome de si e da sua família.

Uma pesquisa* com 90 mil perfis no Twitter de apoiadores dos atos de 8 de janeiro mostra que grande parte destes têm a percepção de si como empresários - ainda que, na realidade, sejam prestadores de serviços como manicures, cabeleireiras, eletricitistas.

Assim, pode-se afirmar que uma nova identidade da direita teve um aporte nas camadas populares. E, realmente, crentes na ideologia que passam a carregar se tornam engajados politicamente.

*Pesquisa publicada em agosto de 2023 por Rosana Pinheiro Machado, Debora Diniz, Athus Cavalini, Fabio Malini and Wagner Silva Alves. Para acessar: <https://gnet-research.org/2023/08/21/examining-support-for-the-2023-brazilian-coup-attempt-gender-stereotypes-and-occupational-trends-in-a-radicalised-digital-ecosystem/>

4. A NOVA DIREITA DESAVERGONHADA ENCONTRA EM BOLSONARO UM PORTA-VOZ E TEM CONDIÇÕES DE CRESCER E SE ORGANIZAR A PONTO DE TENTAR O GOLPE EM 8 DE JANEIRO DE 2022

Como esta base social militante, engajada, que utiliza seu tempo e recurso para sua participação política - para além do período eleitoral -, se organizou ao longo do governo Bolsonaro a ponto de promover os atos golpistas de 8 de janeiro? E qual foi o papel do empresariado tradicional nessa organização?

Pesquisas, monitoramentos de redes e ruas mostram que o ciclo de manifestação bolsonarista durante o governo 2019-2022 significou atos preparatórios para 8 de janeiro. Começou em 2019, mas foi mudando de caráter e se intensificou.

Em 2019, manifestações bolsonaristas mostravam insatisfação com Bolsonaro se aliando a políticos, e cobrando um Bolsonaro mais radicalizado. Eleitores radicais acreditavam que o presidente estava fazendo muitas concessões e cobravam dele mais radicalidade - afinal, ele não tinha fechado Congresso, nem demitido ministros do STF... Do ponto de vista da narrativa da radicalidade, a crise da Covid-19 foi favorável a Bolsonaro, porque ele pode canalizar esse radicalismo que a base mais extremista exigia sendo contra vacina e isolamento social. Aqui, a pauta era contra o isolamento social e contra o STF.

Em 2020 há a primeira tentativa de in-

vasão do Congresso Nacional por um grupo ligado a grupos supremacistas brancos dos EUA - de perfil composto mais por jovens e voluntaristas que se expressavam via atos que visavam mais a construção de simbologias do que mobilização de massa - a exemplo do "300 do Brasil" (que tem como porta-voz Sara Winter).

Em 2021 há uma virada neste perfil: as manifestações passam a ser de um perfil menos jovem e visam a mobilização mais de massa. Entra a estrutura empresarial financiado pelo agronegócio (principalmente na figura de Antônio Galvan da Aprosoja Brasil) e tendo como influenciadores mobilizadores o sertanejo (como Sérgio Reis e Zé Trovão). Aqui se potencializa também o método de "pedir Pix" aos participantes para um possível Golpe de Estado. Como pauta principal, a demanda por voto impresso.

Os atos de 2022 foram marcados pela entrada de lideranças religiosas na estratégia de pedir Pix pela causa (Golpe de Estado) de maneira intensa. Estes se somam aos grupos de sertanejos e caminhoneiros que já atuavam nesse sentido nas redes sociais.

Segundo relatório da CPMI dos atos de 8 de janeiro, os acampamentos golpistas custavam 5 mil reais por dia por acampamento. Eram beneficiados

por um esquema de financiamento de empresas do Norte, composto por madeiras do Pará e empresas do Centro-Oeste, Sudeste e Sul, do interior de São Paulo, Paraná e interior do Mato

Grosso. Mas, possivelmente, o grosso do orçamento era obtido de maneira pulverizada por milhares de ativistas mobilizados pela causa - via estratégias diversas - ao redor de todo o país.

5. PARA OS PRÓXIMOS....

Esta pulverização evidencia a capilaridade de grupos organizados da extrema direita e chama atenção para a necessidade de mais estudos sobre a questão.

O GT ainda levantou a necessidade de se aprofundar sobre a questão do Capital Financeiro e do Capital Internacional na articulação de movimentos golpistas da extrema direita no Brasil.

Além disso, vale também buscar entender o papel dos militares nesse processo, tendo em vista que, do ponto de vista de identidade de classe, estes não têm origem na elite - mas são filhos de profissionais da área de segurança que têm renda compatível com a classe trabalhadora - , mas tiveram também no governo Bolsonaro a oportunidade de dar um salto de classe - tema este que será aprofundado num GT próprio.



O CASB se propõe a um debate amplo ouvindo diversos setores da sociedade e, neste relatório, agradecemos especialmente à professora Isabela Kalil, ao professor Sávio Cavalcante e ao jornalista Davi Emerich. O relatório expressa uma tentativa de síntese geral das exposições e do debate posterior, não expressando de forma total a densidade das questões complexas abordadas.

SAUDAÇÕES

CASB

Centro de Análise da
SOCIEDADE BRASILEIRA

